

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
Propriedade da União Operária Nacional
(Formadora da lei que regula a liberdade de imprensa)
— Officinas de impressão — R. da Atalaia, 154 —
Redacção e administração — Calçada do Cambre, 58-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Ena. telegr. Taltaba — Lisboa • Telefone: 71

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

14 DE JULHO DATA DE GUERRA E DE PAZ

Para celebrar a sua paz, escolheram governos o aniversário do arrasamento da Bastilha, uma data de guerra! Seja! Aceitemos o bom agouro! A tomada da Bastilha foi o acto culminante duma guerra entre o velho autocrático-feudal que expirava, sociedade burguesa que ascendia a poder. Dezenas de anos levam a redução burguesa liberal a expandir-se a Europa, a firmar-se, a consolidar-se. Com vezes, a contra-revolução se revelou vitoriosa, e teve o sonho da hipotética das Santas Alianças dos reis, e acendeu a luz do predomínio incontestado no esmagamento das ideias revolucionárias de então, como a calatrava hoje na derrota das Franquias e do Oriente...

Em nossa revolução que atravessamos, a Europa, a França, os mesmos traços, o mesmo esforço tenaz e laborioso, uma, duas, três gerações? Embora! Itemos o bom agouro! Em termos, com mão firme e alma imbuída, a duradoura que a história lheve distribuída a nossa geração. Procuremos conquistar desde um mundo melhor para nós próprios, mas não aflores o nosso ardor, os frutos mais nobres da árvore liberdade e bem-estar que plantarão de apenas deliciar o paladar que nos seguem na senda. Os deuses da propriedade privada e da ganância, apresentando-nos o amor da lei como incentivo feudo do futuro labor. Pois bem! deixemos aos seus filhos, aos nossos descendentes, herança grandiosa duma sociedade justa, que a todos garanta em hora o pão do estômago e o pão do espírito. Tiremos da nossa tarefa, grandeza do seu fim e da beleza das suas formas, a nossa própria compen-

14 de Julho fica sendo também a data da paz. Duma «paz» de império, e de imperialismo, semente de paz e de guerras, que não é por ora justa e verdadeira, a paz definitiva dos povos. Im vão, no intuito infame de deturpar a acção presente do proletariado, se lhe atribui o escopo de proteger um interesse nacional. Ainda quando essa acção limitasse — o que não é verdade — a essa particular dum povo particularmente oprimido, sugado e vexado, não seria senão no interesse supremo dos trabalhadores e da humanidade em geral, o proletariado mundial tem que se considerar como um todo estreitamente ligado pelos mais íntimos laços de fraternidade moral e material, sob o pédo-jámalis se emancipar.

Quando um doutor burguês pergunta, por exemplo, ao operário, como se pregasse um argumento irrefutável, umoso de simplicidade — de simplicidade, no segundo sentido, não há dúvida, quando um doutor burguês pergunta ao operário se ele não vê a tagem que lhe advira da entrada numa torrente de ouro no país, como inhão duma vitória imperialista, o

trópico, em 3.ª classe, aqueles que outros governos para lá afilaram, criminalmente, contra todas as disposições legais e contra todos os princípios de humanidade? Que atente nisto a classe operária! Que atente nisto o povo!

Músicos Portugueses

O concerto de ontem realizou-se com notável êxito.

Com grande concorrência realizou-se ontem no Jardim da Estrela o primeiro concerto popular da série que a Associação dos Músicos Portugueses vai realizar com o intuito de educar o povo, elevando-lhe o espírito. E' esta uma bela iniciativa pois assim é possível que se arranque o que trabalham, do teatro imoral, o mais pernicioso meio que se pode frequentar.

Não deve ter desanimado aquela colectividade no seu empreendimento, pois decerto que o êxito obtido excedeu toda a sua expectativa.

O programa que era excelente, todo composto de peças de fácil compreensão, foi executado por forma verdadeiramente notável, sobressaindo especialmente o final do 2.º acto da ópera *Aida*, com cornetas e grandes bandas, que foi delirantemente aplaudido.

Os lucros, ao que nos contam, foram fartos, com o que folgamos. No próximo domingo temos o segundo concerto, com um programa de valor. Está-se preparando a organização de um Orquestra Operária para dentro em breve se fazer ouvir também nestes concertos.

O QUE DIZ A FEDERAÇÃO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

A propósito dumas emendas sobre os bairros sociais

Respondendo ao *Combate* de sexta-feira, ao artigo «Economias que são esbanjamentos» vem o seu autor especular com um equívoco de redacção, dizendo que a Federação propõe que o Conselho dirigente de cada bairro, seja composto de três arquitectos, um médico, três vogais operários e um delegado do governo.

O autor do artigo, costumado à vida jornalística, teria notado que tal redução de técnicos não era para cada bairro mas sim para o Conselho de administração da construção dos bairros, como diz a emenda ao artigo 2.º

A seguir descreve quais as despesas actuais dizendo: seis vogais a 150000 — sete é que são e não seis — e um chefe de contabilidade, de que as emendas não falam, nem disso precisavam, pois que as emendas só falam no pessoal a reduzir.

Continua dizendo: *que iríamos tirar uns miseráveis vitens aos trabalhadores... para os darmos de mão beijada a umas tantas criaturas que assim se pretendiam governar.* Mas quem se governava? E' o que desejariamos saber, pois que não apadrinhámos nem engenheiros nem arquitectos nem vogais de qualquer espécie porque os operários não têm estudos tão profundos. E ainda quanto a salários dos comanditários, que teríamos nós a fazer senão nivelar e não criar dentro da organização chefes ou ociosos, com salários mais elevados?

Continuando o autor do artigo, diz onde é que se foi descobrir cinco arquitectos e um médico?

Ora essa, veja o artigo 8.º que lá estão todos os factos.

Um guarda-livros é um tesoureiro? Sim, o artigo 20.º lá diz que devem ser contratados pelo ministro do trabalho.

E com respeito aos sete indivíduos para o Conselho administrativo, lá está o artigo 2.º que diz: O Conselho de administração da Construção dos Bairros Sociais será composto de sete vogais efectivos, etc., etc., seguindo logo o artigo 3.º estipulando para cada membro efectivo do Conselho a gratificação de 150000 por mês, isenta de descontos.

Portanto não inventamos. O decreto 5.481 é que o diz.

Para que vem o articulista dizer que o Conselho técnico não ganha um centavo? Então o que é que diz o parágrafo 1.º do artigo 8.º?

E se foi feito um cálculo de 150000 mensais para os arquitectos, isso foi como mínimo pois as percentagens da tabela da Sociedade dos Arquitectos Portugueses com certeza irão mais além.

Cortam o guarda-livros, fazem desaprovar o tesoureiro — substituído pelo sistema do rol da roupa, ou contas de saca. Simplesmente estupido!

Mas onde é que cortámos esses funcionários?

Cortámos 6 verdade 2 arquitectos e os tais 7 vogais, substituindo-os por 3 operários comanditários eleitos pelos sindicatos com mandato revogável e com atribuições a seu cargo.

Tinha graça cortarmos o guarda-livros e o tesoureiro. Ora o diabo não tem sono.

Por amor à verdade, declaramos que por erro de redacção, realmente está escrito, por cada bairro operário, mas não era esse, acreditamos, o espírito do relator das emendas, pois que

E' DECLARADA A GREVE GERAL a começar hoje em toda a Indústria Mobiliária por solidariedade com os marceneiros

Empenhou-se uma delegação da Federação da Indústria Mobiliária em solucionar o conflito pendente há 37 dias entre os operários marceneiros e o respectivo patronato. Os esforços feitos foram completamente baldados, porquanto os industriais se mantiveram numa atitude de irritante irreductibilidade. Posto isso, e esgotadas todas as possibilidades de negociação, o conselho federal da indústria mobiliária, que já votara em princípio a greve geral da indústria, depois de haverem as associações aderentes tomado deliberação idêntica, resolveu distribuir às classes federadas a seguinte

PROCLAMAÇÃO

Há cinco semanas que os nossos camaradas marceneiros se encontram em greve! No decorrer deste movimento, mantido duma forma que muito ennobrecer aqueles camaradas, tem sido empregado pelos patrões de marcenaria os mais infames processos, com o fim de desmoralizar os grevistas! Os governantes sempre protegendo o patronato, tem sobre aquela classe lançado mão do arbítrio e da violência! O sindicato dos marceneiros já foi encerrado, e numerosas prisões se tem efectuado apenas pelo facto de tratar-se de grevistas!

Perante a humilhação de que tem sido vítimas aqueles camaradas o que urge fazer? Prestar-lhes toda a solidariedade a fim de que as restantes classes da indústria já afectadas com a irreductibilidade patronal, não sejam vítimas em movimentos futuros!

CAMARADAS: A vossa dignidade está em perigo! Já uma delegação federal procurou estabelecer uma plataforma junto dos industriais de marcenaria, que solucionasse este conflito, recusando-se estes a entabular negociações!

Como resposta ao despreso lançado às justas reclamações dos marceneiros, resolveu o Conselho Federal declarar a greve geral em toda a indústria, que terá o seu início na segunda-feira, 14 de Julho, como solidariedade com aqueles camaradas.

Nenhum operário Estofador, Entalhador, Polidor, Torneiro, Cesteiro, deverá retomar o trabalho sem que a vossa Federação os aconselhe a tal!

Firmeza e energia!
Viva a classe dos marceneiros!
Viva a greve geral da Indústria Mobiliária!
Viva a solidariedade operária!

Contra a intervenção na Rússia

E' votada a greve geral no Congresso do Labour Party

“Uma simples e solene advertência”

No recente congresso operário britânico, discutiram-se largamente as duas grandes questões do dia: a paz e a intervenção na Rússia.

Sobre o primeiro ponto, foi adoptada por unanimidade a moção Mac Donald em favor duma campanha para que a Liga das Nações deixe de ser uma liga de conquistadores e abra imediatamente as suas portas aos países vencidos, e para que se faça sem demora a revisão do tratado de Versalhes para anulação das cláusulas contrárias às condições do armistício. A campanha será feita de acordo com a Internacional.

Quanto à segunda questão, são notáveis as palavras que o presidente Mac Gurek lhe consagra na sua mensagem: «Devemos opor-nos às operações militares na Rússia e à manutenção do serviço militar obrigatório no interior. Não pode haver paz enquanto nos acharmos envolvidos em aventuras militares. A Rússia deve deixar-se a liberdade de trabalhar por si mesma na sua própria salvação. Ao sr. Churchill de nada serve dizer que não estamos em guerra com a Rússia e que apenas procuramos retirar de lá as nossas tropas, quando ao mesmo tempo nos comprometemos nas lutas internas daquele país, enviando homens, munições e material para ajudar o almirante Kolitch a esmagar a revolução bolchevista.

«Deploramos todos os excessos bolchevistas, como deploramos os excessos tsaristas; mas o governo britânico não ajudou a revolução de 1905, com o envio de tropas, munições e material aos que se batiam pela democracia contra a autocracia. O designio actual do governo de prestar auxílio e assistência aos esforços anti-bolchevistas, só pelo facto de ser ele próprio anti-bolchevista, mostra-se aos operários deste país como indicio da decisão de se servir dos excessos, reais ou imaginários, cometidos pelos bolchevistas, como pretexto para impedir por todos os meios o livre desenvolvimento do empreendimento socialista.

«Enquanto se prosseguir nesta política de intervenção na Rússia; não se tratará do desarmamento na Inglaterra e será mantido o serviço militar obrigatório. Se o governo espera lidar assim indefinidamente os trabalhadores, não tardará a sofrer uma amarga desilusão. Isto não é uma ameaça: é uma simples e solene advertência de que a classe operária inglesa não quer o serviço militar obrigatório e empregará todos os meios legítimos para o fazer cessar.

O debate sobre a questão russa no Congresso de Southport terminou com uma decisão em favor duma greve geral em 20 e 21 do corrente para protestar contra a intervenção dos Aliados na Rússia, de acordo com a proposta da C. G. T. italiana, já aceita também pelo operariado francês.

Está logo no princípio a emenda ao artigo 2.º que diz: «O Conselho de Administração da Construção dos Bairros Sociais será composto, etc.

Os artigos por emendar — acceitá-los fomos — e portanto lá estavam o tesoureiro e o guarda-livros, etc., ressaltados.

Mas há a monomania da perseguição em tanta gente, que não é para admitir, que nos vejamos perseguir os bairros sociais.

Antes pelo contrário, desejamo-los, mas com a devida moralidade. Competências técnicas e profissionais é que são precisas e não a colocação de ailhados, sejam eles apadrinhados por quem forem.

Este organismo não recusa nem recusou a colaboração nos bairros sociais, mas o que sempre viu, foi o personalismo tratando todos os assuntos que diziam respeito aos ditos bairros.

Não veja o *Combate* amonestado da nossa parte contra os socialistas, pois que todos trabalhamos para uma sociedade mais justa, mais igualitária e moralizadora. — A Federação da Construção Civil.

O operariado de Setúbal, que ontem realizou uma imponente excursão a Cezimbra, efectuou nesta vila uma entusiástica sessão de propaganda na sede da Associação Marítima. De lá nos enviaram o telegrama seguinte:

«Os excursionistas, reunidos em assembleia na sede marítima de Cezimbra saudam *A Batalha*, vigoroso combatente operário. O presidente da mesa, Alfredo Pinto,

Saudações à BATALHA

O manifesto a que nos vimos referindo termina com os seguintes períodos:

«Todos quantos sejam partidários da política de força podem estar satisfeitos; mas não se esqueçam de que é um erro funesto e criminoso impor a paz de Varsóvia a um povo pacífico e consciente.

«Na Catalunha a ordem pública não foi alterada um só momento, e apesar das razões que a classe operária teve para responder convenientemente à provocação de que foi objecto, não dispou um único tiro».

Movimento gráfico

CASAS DE OBRAS

Continua aberta a inscrição para o subsídio referente à 3.ª semana de greve, estando já afixado na sede o balancete do movimento, fechado em 5.º do corrente.

Tem sido recebidas as importâncias que constam da lista que segue:

Do pessoal da casa Martins & Rebelo, 1800; José Gonçalves, 630; Associação União das Classes dos Trabalhadores e Serventes de Pedreiros e Estofadores, 1000; Operários, operários e soldados do 1.º de Bombeiros, 600; Pessoal da Imprensa dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, 800; do quadro do *Jornal da Manhã*, 1600; operários dos Matadouros Municipais, 360; Domingos Pavão, 10; António Vasconcelos Junior, 420; Associação União dos Pintores da Construção Civil, produto de uma quota que em destinada aos cofres de Exera, 400; de várias secções do pessoal da Imprensa Nacional, 11400; José Vieira, 60; da comissão executiva movimento dos quadros auxiliares e provenientes do apelo feito pela *Batalha*, 70182; das oficinas gráficas em laboração, 37385; de um grupo de técnicos da casa, 3000; Vasconcelos, 600; Casa America, 400; Soma, 1.01415.

NOTA: Na importância de 70182, não incluída a importância de 560, da quota do Grupo Os 31 da *Batalha*.

São estas incluídas nesta lista as quantias recebidas até à data do encerramento do balancete, além das quantias que chegaram a esta Federação através das listas de solidariedade material daquele número de trabalhadores — competentes, e bastante grande, que sabem tomar como próprio o destino das classes que se encontram lutando pelas suas reivindicações, cuja lista breve-mente publicaremos.

Para prosseguimento dos trabalhos é convocada a reunião dos delegados, para hoje, pelas 13 horas, prefixas, ficando para breve uma reunião do pessoal de todas as casas gráficas em laboração.

A GREVE FERROVIÁRIA

Longe de mostrar-se abatida, a classe em greve dispõe-se, pela sua firmeza, a triunfar. — O entusiasmo mantém-se em toda a linha

“Uma simples e solene advertência”

Distribuiu o governo um manifesto dirigido ao país, pondo-se nitidamente, confessadamente, ao lado da Companhia na repressão aos grevistas. O manifesto é mais uma explicação da atitude que os governantes tem assumido na greve ferroviária do que um apelo ao povo, como se pretende. Não é nosso intuito responder ao partido governativo, que, é claro, pinta as coisas a seu modo.

Todavia, há uma afirmação que demonstra a má-fé com que o governo vem procedendo em toda esta questão, que tem agitado fortemente a opinião pública.

«O governo, diz o manifesto, vai pôr em prática os meios de normalizar a situação, como se tal resolução fuisse o resultado de ingenuas lubrificações. Ora o que é claro e positivo é que o governo, desde o primeiro momento, se tem excedido numa protecção intolerável à Companhia que mais nos explora, a nós, povo, para quem há o descecho de apelar nesta hora. O governo não tem feito outra coisa senão furar o movimento em vez de procurar solucioná-lo, uma vez que interviu nele. O governo não admite fraquezas prejudiciais nem violências inúteis, mas, desde o início da greve, não tem feito outra coisa — perseguindo ferozmente os grevistas e acoagando-se perante a poderosa Companhia. O governo diz que não podem as pretensões duma classe alquebrar-se sobre a agonia dum povo, mas tem sido impotente para meter na ordem a única classe que até agora se tem alquebrado sobre a agonia do povo — a patronal, e especialmente os potentados da Companhia. O governo vai, enfim, intervir enérgica e eficazmente — como se ainda o não tivesse feito — o que prova que vão continuar as prepotências governamentais, iniciando-se um regime de terror. Pois que o facto o governo se acha essa atitude, a melhor. A dos ferroviários sabemos nós qual é: — a de se não deixarem esmagar, resistindo com a mesma energia com que o tem feito até agora.

Este comité não ordenou nem indicou que se fizesse qualquer acto de sabotagem que pudesse pôr em risco a vida humana. Porém, reconhece que a atitude do governo justifica os actos de desespero praticados, não obstante todas as diligências pelo comité empregadas para os evitar.

Esses actos foram-nos ensinados pela própria companhia, pois Carlos Pereira e outros agentes superiores neles se saíam durante o último movimento dos decretos n.º 4205 e 4206.

O governo, pretendendo furar a greve ferroviária com militares, provoca a justa reacção das suas vítimas. E' em que consistiria a greve ferroviária se todos os comboios transitassem tripulados por militares e com estações ocupadas pelas tropas? Exija o governo que as companhias ponham os comboios a circular com pessoal habilitado. E' esse apenas o seu dever.

Este comité nada tem de comum com o grupo Luz e Verdade.

Cumpramos declarar também que os ataques a tiro feitos às forças de ter sido posto em prática por elementos políticos que se aproveitaram da ocasião. Para confirmação da acusação feita ao tenente Virgílio Costa, temos uma carta do agredido testemunhada pelos restantes presos.

Foi recebida neste comité uma carta do camarada Eduardo dos Santos, que se encontra preso na Penitenciária de Coimbra, com mais 27 ferroviários, por não quererem trabalhar o chilpado das prisões foi o maquinista Virgílio.

Entre os presos vindos das Cadeias encontra-se um rapaz chamado Mário Agostinho Cavaleiro, de 14 anos.

Este rapaz também andaria a atacar as sentinelas?

Também deixaram a mão a um camarada que vinha da estação do Bouro, buscar às Cadeias uns medicamentos para sua mulher que se encontra gravemente enferma. E' necessário, pois que seja posto em liberdade, para poder prestar à sua companheira os socorros de que esta carece, protestando este comité contra tais factos.

Este comité estranha bastante a atitude da maioria democrática no parlamento, que tem depressa se esqueceu dos favores recebidos.

Na tabela de preços do pessoal das oficinas, publicada nos jornais da manhã, está englobada a subvenção de 12500, subvenção esta que a Companhia se propunha retirar, sendo estes os salários que o pessoal pede com 12500 de aumento, segundo a plataforma apresentada no parlamento.

A afirmação do ministro do trabalho de que os grevistas não apresentaram transigências, responde o deputado socialista Ladislau Batalha, que a Companhia é que não teve. E' bem certo, porque os grevistas tem até feito transigências demasiadas. A continuar assim, daqui a pouco quasi nada temos.

No entender deste comité, já a greve estava solucionada, se não fosse a força fornecida a Companhia, porque no governo de João Chagas foi-lhe indicado o caminho a seguir, que deu bom resultado para todos, inclusivamente para o país.

Porque motivo seguiram em auto-moção à fronteira os administradores da C. P. Fausto Ribeiro e Vas-

concelos Correia, se tinham comboios para viajar, visto o serviço estar normalizado, segundo dizem?

Era mais lógico que anunciassem que está tudo parado, mas parado a valer.

Foram recebidos dois telegramas e uma carta, respectivamente de Gaia e Campanhã, em que nos dizem estar o serviço das outras companhias completamente paralizado, havendo mais informações do Norte, Oeste e Leste de que até hoje não há comboios nem pessoal profissional para os fazer.

Aos camaradas de Lisboa só pedimos que continuem como até agora, isto é, sempre firmes.

E' preciso cautela com qualquer ordem que por aí apareça e não lhe ligar importância. O comité dará as devidas instruções.

Viva a greve geral!
Viva o pessoal ferroviário!
A vitória aproxima-se!

O Comité Central

Acaba de chegar ao conhecimento deste comité que o grande socialista António da Conceição Vasques foi inscrever-se para assim dar cumprimento a um papelucho que aí apareceu e que parece ser da autoria do conselho de administração. Aquelle socialista é o apontador dos outros que se vão inscrevendo.

Até à data, porém, só uns 5 operários de ambos os sexos tem caído na prática de tal fazer, porque além de não lhe darem serviço, dão-lhe esperanças.

Consta-nos mais que se inscreveram 2 padres. Achamos justo, uma vez que já existem no serviço médicos, canalheiros, farmacêuticos e cremos que coqueiro também não deve faltar, para se levar a efeito o enterro da *transigência*!

Chegou ontem a Lisboa, de regresso do norte, o automóvel que conduziu o repórter de *A Batalha* a alguns camaradas nossos que percorreram a linha de Lisboa a Alfaiões e volta pelo Oeste, colhendo impressões animadoras em extremo de todos os camaradas das estações intermédias.

E' tão bom o moral destes nossos queridos companheiros, que já mais se poderá duvidar da sua grandeza de alma e esforços empregados, até que a vitória seja um facto!

No Setúbal, foram encontrar os nossos liais camaradas acampados no cimo da serra, por terem sido expulsos da estação pela força, mas tam cheios estão de ânimo que nos deu a impressão de que foi hoje o primeiro dia de greve, como o disse o presidente do ministério em pleno Parlamento.

Contra as atrocidades praticadas nas pessoas de todos os nossos camaradas protestamos veementemente.

Temos informações de que é puramente falso terem-se inscrito 300 empregados.

A luta de anteontem diz parecer impossível que em Coimbra os ferroviários se reúnem a 250 metros da estação, achando condenável tal procedimento, assim como condena também o facto de se ter posto em liberdade os grevistas ferroviários. Ou não fosse este veneno originário do partido do ex-ministro dos abastecimentos, que tem como filiado quasi todo o conselho de administração da C. P., principais culpados desta atmosfera carregada de docência.

A Companhia Portuguesa, após senão ontem nos jornais uma nota com uns razoáveis vencimentos que o pessoal de forma nenhuma rejeitaria.

O que nem todos sabem é que é preciso dizer-lhes, é que foram buscar os meses em que estes empregados perderam a saúde para ganhar mais alguns vinténs, tendo ainda outros substituído agentes de maior categoria.

Confirma as nossas palavras uma carta publicada em o jornal *A Batalha*, de um camarada factor de 1.ª, que lhes adira á face com a verdade simples e concreta.

E' mentira que em Coimbra os grevistas sustentassem fogo com a força armada.

Este comité comunica mais uma vez que os telegramas recebidos constantemente, devido aos nossos meios de comunicação, permitem-nos dizer mais uma vez à classe que com homens desta natureza não se perde um movimento. Salvé, grilhetas ferroviárias, que a corrente que vos tem amarrado até agora, está prestes a partir-se.

Viva a solidariedade ferroviária!
Viva a massa trabalhadora em geral!

O comité central

Violências, sempre violências

O depoimento duma testemunha presencial

Um ferroviário ontem chegou a Lisboa, vindo de Alfaiões, e tendo permanecido em Coimbra até à passada quinta-feira, relata-nos as violências revoltantes praticadas nesta cidade pelo regimento de infantaria 35, em que só o major Monteiro tem assumido parte com os grevistas uma atitude cortada e atenciosa, o mesmo se podendo dizer em relação ao inspector da polícia, sr. Eurico de Campos.

Não existe em Coimbra nenhuma delegação do sindicato ferroviário; mas como quer que os grevistas desejam reunir-se para apreciar uma moção em que se assentava em manter a unidade decidida, que a classe,

